

POVO NEGRO E BÍBLIA: CAMINHOS DE APROXIMAÇÃO, II

PUEBLO NEGRO Y BIBLIA: CAMINOS DE APROXIMACIÓN, II

Heitor FRISOTTI

Resumen: El autor presenta la reinterpretación que están haciendo de la Biblia los grupos negros. Se sumerge en el lugar del dolor (la óptica de quien sufre por el racismo), en el lugar del ser negro (los caminos de la identidad y de la comunión) y en el lugar de la fe del pueblo negro (fe plural y fuerte). Cómo trabajar con la Biblia y con qué método. ¿Habrá posibilidades para una verdadera relectura bíblica negra?

O que vem a seguir não é meu, mas é trazido por mim: de vários encontros, reflexões, grupos, conversas, momentos de oração e celebrações, vivências afetivas e espirituais, de muitas amigas e amigos negros com os quais partilhamos sonhos e tristezas, maneiras de crer e maneiras de amar (e de ser ferido). Mesmo assim, ainda acho que é ousadia eu falar nessas coisas e trazê-las aqui... Vamos considerá-lo material bruto a peneirar, curtir, polir, modelar e transformar. O encaminhamento é com todos.

1. O que quer dizer interpretar como negro?

Em primeiro lugar, acho que significa do lugar onde o negro se encontra hoje. Um lugar social, um lugar cultural e um lugar de fé. Uma leitura negra da Bíblia está principalmente preocupada em dar uma resposta às situações conflitivas de hoje que atravessam a vida da maioria da população negra.

Isso obriga, naturalmente, a uma mudança de lugar, a um tomar partido, a sair da própria casa para se encontrar na casa dos outros. É uma verdadeira conversão para um outro olhar. Muito mais para brancos do que para negros, para homens do que para mulheres, para sacerdotes, religiosos/as e pastores/as do que para leigos, para remediados do que para pobres, para os que participam de alguma forma de poder do que para despossuídos. Mas é tarefa que não exclui ninguém, porque na situação de dominação em que vivemos também um negro deve continuamente tornar-se negro, uma mulher tornar-se mulher, um pobre optar pelos pobres, e um branco... tornar-se gente (o que só é possível na medida em que deixa o poder e se identifica com os últimos). Vamos tentar descrever esses lugares que nos esperam.

1.1 O LUGAR DA DOR: a ótica de quem sofre pelo racismo.

Não saberia caracterizar com uma palavra melhor do que *dor* a situação que reúne todo tipo de humilhação sofrida pelo povo negro: econômica, política, afetiva, psicológica, racial...

- É a humilhação pela «discriminação racial» (dimensão econômica do racismo) que se manifesta principalmente no mundo do acesso ao trabalho. O racismo tem sua base econômica própria: um negro pobre é preterido ao branco pobre quando, em igualdade de condições, procura trabalho ou deve ser promovido, e é o principal alvo dos salários mais baixos, da repressão às reivindicações sindicais, ou nas demissões. A mulher negra sofre mais do que o homem negro ou a mulher não-negra esta discriminação.

À discriminação econômica, que favorece a manutenção na situação de pobreza, somam-se outras discriminações sociais: no acesso aos lugares reservados aos brancos, na opção de moradia, no acesso a estudos melhores, na possibilidade de uma relação afetiva duradoura, nos cargos de poder, até na religião.

- É a humilhação pelo «preconceito racial» (dimensão ideológica do racismo) ou pela violência à identidade pessoal. Construiu-se no Brasil, como adaptação do racismo científico de origem européia, a ideologia e a política do branqueamento .

Ideologicamente, o branqueamento é a associação do negro a tudo o que é ruim e feio e, por outro lado, a associação do branco a tudo o que é bom e bonito. Assim o cabelo do/a negro/a é ruim, a cor da pele é uma sina, a beleza (segundo o padrão branco) é impossível para o homem e a mulher negra. Mas a caracterização é também moral: o negro é suspeito, o branco é confiável; o negro suja, o branco que erra é coisa normal; a religião do negro é inferior ou demoníaca, a do branco é superior e divina.

Politicamente, o branqueamento se caracterizou por uma legislação favorável à imigração de europeus; à oferta de condições econômicas, de educação e de trabalho melhores para os europeus e seus descendentes, e ao mesmo tempo, por uma ausência de atenção para com a população negra. Em 1911, o diretor do Museu Nacional, João Batista de Lacerda, que representava o Brasil no 1º Congresso Universal de Raças, em Londres, apresentava a política brasileira afirmando que "já que se viram filhos de mestiços apresentarem, na terceira geração, todos os caracteres físicos da raça branca, (...) é lógico esperar que, no curso de mais um século, os mestiços tenham desaparecido do Brasil"; isso iria coincidir com "a *extinção paralela da raça negra* em nosso meio " pois, desde a Abolição, os negros tinham ficado "expostos a toda espécie de agentes de destruição e sem recursos suficientes para se manter".¹

Variação ideológica do branqueamento foi a ideologia da mestiçagem ou miscigenação, que promoveu a imagem do mestiço ou mulata, associada à descrição do país como uma verdadeira democracia racial, de relações cordiais entre as raças. Segundo esse modo de pensar, o mestiço reuniria o melhor do branco e do negro (e do índio), e é favorecido na ascensão social, sendo o mais apto para viver no Brasil. Num país em que as raças são diluídas e há uma notável variação de cores, num país que prestigia o mestiço, este não poderá ser "o cúmplice do branco contra o preto" e tampouco "o cúmplice do negro contra o branco", afirmava o sociólogo Gilberto Freyre,² esperando aliviar assim as tensões sócio-raciais.

Na realidade, o mestiço vive uma crise de identidade, pois não é nem um, nem outro: não é mais negro, não chega a ser branco, não sabe que sangue de índio tem. É um ser sem identificação de origem e, por isso, sem história, pois dificilmente pode identificar-se com um dos grupos étnicos que fizeram esse país. Pode identificar-se com alguns personagens históricos, mas raramente com comunidades: vive solitário.

Na sociedade, é a elite dominante branca que determina quando ele é parecido com o branco - e tem livre acesso - e quando é parecido com um negro - e é discriminado. Assim, a mesma pessoa, é branca na Bahia e negra no Rio Grande do Sul, é branca demais para trabalhar na limpeza das ruas e é negra demais para ser gerente de banco. Quem decide sobre sua 'boa aparência' (uma forma sutil para discriminar, pois uma

mulher ou homem negro nunca terão 'boa aparência', mesmo que sejam mais bonitos do que muitos homens e mulheres brancas) é o branco padrão.

O resultado desse processo de branqueamento é a identidade negra negada e uma ideologia introjetada difícil de erradicar: as crianças negras acham que nasceram na família errada ou com a pele errada; os adolescentes a juventude negra se acham mais feios e não gostam do seu corpo; os trabalhadores não têm como competir com aqueles que nasceram para vencer. Nos livros de escola e nos meios de comunicação o passado do negro é para esconder ou, quando é lembrado, é para mostrar que era escravo; a família do negro não existe; o trabalho do negro é o pior; o futuro do negro é o crime ou a pobreza; a mulher negra fica na cozinha e a mulata esbanja sensualidade: contudo, será desejada, mas nunca amada.

- É a humilhação, comum a muitos pobres, pela «situação de opressão e exclusão», que acaba se tornando uma verdadeira segregação ou apartheid social (dimensão sócio-política): mesmo que não existam leis a respeito, é fácil identificar casa e bairro de negro, escola de negro, trabalho de negro, doença e médico de negro, supermercado de negro, praia de negro, carro de negro, etc.

Não só isso, pois a exclusão atinge os direitos humanos, sociais e civis. A polícia e os tribunais tratam de maneira diferente brancos, mestiços e negros, mulheres brancas e mulheres negras, crianças brancas e crianças negras. O mundo da política reserva lugares diferentes aos brancos e aos negros. E, apesar de estar continuamente se organizando, em associações de moradores, clubes, movimentos, times de futebol, blocos de Carnaval, comunidades e terreiros, o negro é considerado a-social e sem direitos.

Tudo isso é vivido por cada pessoa negra com profunda dor, que vem de longe, que atinge irmãos e pessoas conhecidas, que parece aguardar na próxima esquina. E mostra um mundo diferente daquele que é propagandado na sociedade ou ensinado nas escolas. Mas é o mundo real que se mostra com toda a sua dramaticidade a quem sofre.

Quem domina, quem se reserva o exercício do poder, tem outra imagem: um salário baixo, que faz a família de um trabalhador passar fome, é uma necessidade da produção ou da estabilização da economia; um negro que reivindica direitos iguais ou específicos promove o racismo ou não tem paciência histórica; uma mulher se prostitui porque gosta; uma criança negra na rua é sempre *um menor*, que não quer trabalhar (infrator) ou que é um coitadinho que precisa da assistência dos brancos (carente); um policial que mata um negro correndo preserva a segurança da sociedade; as violências do poder na história - e a omissão das Igrejas - foram devidas à 'consciência possível' daquele tempo que impedia enxergar melhor. É a visão de quem fere. Outros se desculparam dizendo que foi sem querer, que não têm culpa. Mas a ferida existe, que a facada tenha sido voluntária ou não.

A dor torna-se, então, um dos princípios hermenêuticos fundamentais ao ponto de podermos afirmar que *quem não sofre, não entende*. A dor vivida é o primeiro passo para entender as práticas e as falas que legitimam o poder e a violência, e as necessidades e os sonhos de quem está jogado no chão (cf. Lc 10,25-37). Não há outra maneira de se aproximar da verdade numa sociedade atravessada por conflitos.

Pilatos estava impossibilitado de saber qual era a verdade sobre Jesus e sobre o povo, pois encarnava e defendia a dominação e o poder institucionalizados (Jo 18,38). Moisés estava impossibilitado de conhecer o Deus da vida enquanto residia no palácio de Faraó; teve que sair do saber dominante e encontrar-se no deserto, desamparado do poder, da religião e da cultura oficial do Egito, para que uma sarça ardendo pudesse lhe revelar a dor e a força de Deus (Ex 3). Jesus teve que se encontrar diante do sofrimento de uma mulher siro-fenícia (Mc 7,24-30), vítima de maldição - pois excluída da bênção de Deus por ser estrangeira, 'idólatra' e mulher -, para poder anunciar a Boa Notícia de um Deus que se aproxima dos últimos e discriminados superando barreiras.

A identificação com os excluídos da sociedade é tal que Jesus acaba assumindo em sua carne a condição de maldito, ao morrer na cruz e fora da Cidade Santa (Gl 3,13). É a nova verdade, a dos 'vencidos', que enfrenta a do poder constituído; é o novo caminho, o da solidariedade, que contrasta com as práticas da exclusão, próprias de quem detém o poder; é a oferta da vida, diante dos poderes de morte. O que faz dessa opção "o caminho, a verdade e a vida" para todos (Jo 14,6).

Acredito que partilhar a dor dos últimos e excluídos é o caminho para se aproximar da verdade que se faz justiça. Encerrada nesta dor está a melhor radiografia da sociedade, mas também a possibilidade de superação das discriminações e injustiças, pois, na convivência, na solidariedade, no compromisso pela mesma luta encontra-se a possibilidade de achar outra resposta às questões postas pelas ciências: como entender a alteridade, como partilhar de outra cultura, como perceber a revelação de outra religião.

1.2 Em segundo lugar, O LUGAR DO SER NEGRO ou o lugar da identidade-comunhão.

Identidade negra não é só o que o branco diz e reserva para o povo negro na nossa sociedade. O negro se reconhece enquanto tal também a partir de outras relações, de outras vivências, de outras realidades e não só pelo racismo que o atinge e pelas imagens que a elite branca projeta sobre sua vida.

Muitas destas relações e vivências estão na família: nas pessoas amadas, que muitas vezes vão além das fronteiras de sangue ou de parentesco; na organização do tempo e dos serviços; na maneira de celebrar e fazer festa; no modo de socorrer quem precisa de ajuda ou de cuidar de um doente; nas referências plurais de autoridade; na maneira de preparar, distribuir e consumir a comida; no contar, cantar e dançar as histórias; nas pessoas lembradas que já se foram; nas solidariedades e também no modo de organizar o lazer, de receber e fazer carinhos, de pentear o cabelo, de afagar no peito ou ninar no colo e, naturalmente, na maneira de rezar e falar de Deus.

Nos terreiros, famílias amplas ao redor de um parentesco espiritual, descobrimos que identidade é um processo, mais do que algo que se tem. Ela se constitui ao longo do tempo como um caminho de identificação em que, ao sangue e à raça, acrescentam-se outros elementos que fazem das pessoas comunhão.

Identidade, então, se (re)constitui a partir das *relações de família* - repetimos, não restritas à linhagem de sangue, mas amplas, ao redor de quem acolheu, de quem ensinou, de quem curou, de quem amou, de quem castigou ou ajudou, etc.; é saber correr no tempo para reconhecer-se na *vivência dos antepassados*, os mortos que souberam fazer de sua vida uma contínua doação, um ensinamento a recolher e praticar,

uma memória que vive nos filhos; e também se constitui pelo *sonho em comum* para se manter vivo, recuperar forças e ânimo, lutar para defender os irmãos e transformar as vitórias em direitos reconhecidos e comunidades organizadas.³

Resumindo, identidade se faz respondendo às perguntas: de onde eu venho? com quem estou? para onde vou? Nas comunidades religiosas de candomblé, isso se transforma em respeito e cultivo pelos antepassados e ancestrais, dos quais vem a Tradição e a vocação, eles que estão à origem da família-comunidade e dos serviços para preservá-la e fazê-la crescer e afirmar; respeito e cultivo da comunidade, feita de tudo o que vive e existe: não só pessoas, mas também animais, plantas e toda a natureza, pois todo ser fala de Deus, nos ensina coisas da vida, é para a comunidade e, por isso, tem que ser preservado, alimentado e promovido; respeito e cultivo também pelos filhos e toda pessoa que chega à porta de casa: são o futuro a zelar e trazem também vida (e conflitos, e problemas, e dores, mas também alegrias, esperanças, ajuda, riquezas espirituais e materiais). Tudo isso, a memória, a comunhão, o viver bem, são Axé, força viva de Deus.

Identidade é identificação e por isso é luta. Dito assim esquematicamente, pode parecer pouco lógico, mas ao pensar que identificação é criar laços de solidariedade e afetos, é comunhão de interesses e sonhos, é fazer uma só carne com as pessoas amadas, entende-se melhor porque é luta: pois, se luta para defender quem se ama e o que se ama, muito mais do que por uma idéia ou uma motivação moral.

Por isso, a dimensão afetiva ergue-se também como possibilidade hermenêutica: ela supera barreiras e permite entender com a dor e os sonhos dos outros. Inclusive faz do destino dos outros o próprio destino. Estamos lembrando neste momento algumas realidades que poderíamos considerar símbolos do que afirmamos: as *madres de la Plaza de Mayo* argentinas que desafiaram a ditadura, à procura de uma resposta sobre seus filhos desaparecidos e vítimas dos militares.⁴ Em 1992, ainda desafiavam o poder democrático, opondo-se a receber uma indenização para os ex-presos políticos no período entre 1972 e 1983, pois a única compensação que queriam era a punição dos responsáveis pelos crimes.⁵

Como elas, as viúvas dos mártires da terra no Maranhão, e em todo o Brasil, exigem justiça. Vinte e cinco delas, vestidas de luto e tendo na cabeça tiras de pano com os nomes dos maridos mortos, fizeram disso motivo para desafiar autoridades e pedir justiça também a João Paulo II, durante sua visita ao Brasil em 1991.⁶ "A gente não pode enterrar marido e filho e se enterrar também", declarou naquele dia Maria das Graças Machado, uma das líderes do movimento; a ela fez eco Terezinha Rodríguez: "O que pedimos é justiça. Queremos que acabe a impunidade dos assassinos, executores e mandantes, a maioria dos quais é bem conhecida".⁷

Seu grito de dor incomoda, assim como incomodam as mães de Acari, na Baixada Fluminense, que lutam contra os esquadrões da morte, que matam suas crianças, e chegam a se tornar vítimas, como seus filhos e filhas, dos mesmos assassinos. É o caso de Edméia da Silva Eusébio e Sheila da Conceição, assassinadas em 15 de janeiro de 1993, após denunciar que policiais eram responsáveis pelo desaparecimento das crianças. "Eu não aceito que digam que não tem solução - dizia Edméia. Vou continuar cobrando, nem que eu saia daqui agora e eles me matem ali".⁸

Para muitos, e para a sociedade, estes filhos e esposos estão mortos e não há nada a fazer: são lutas inúteis. Para estas mulheres, a dor ainda está no ventre e só acabará quando esta sociedade mudar e trilhar caminhos de justiça, para evitar que outros morram. Elas estão com a verdade e o saber que liberta.

1.3 Finalmente, O LUGAR DA FÉ DO POVO NEGRO, fé plural e própria, diferente e forte.

O terceiro lugar é a fé, entendida como fé de comunidades e fé na história. É preciso voltar-se ecumenicamente para essa fonte de vida: olhar para comunidades de fé - familiares ou amplas, católicas ou protestantes, populares e devocionais, ao redor de pessoas carismáticas ou organizadas em irmandades, terreiros e aldeias, CEBs ou grupos - que possam nos lembrar o que é viver a fé em comunhão e não sozinhos, como Deus marca sua presença na comunidade e como esta presença é celebrada, de modos diferentes, mas que sempre é alimento para viver e viver melhor, agradecendo e pedindo força, se protegendo e sendo jogados para fazer coisas novas.

Não só no hoje, mas no tempo também. Cada uma dessas comunidades tem sua história de fé, sabe narrar e celebrar como Deus se manifestou na sua história e na história dos homens, tem suas 'pedras' assentadas (usando a imagem bíblica de Js 24,26s) para lembrar como Deus interveio, como foi saudado e celebrado, como os lugares por onde passamos se tornaram lugares santos e dignos de respeito. Sobretudo, como as pessoas se tornaram dignas de respeito, porque amadas e salvas por Deus. Nossos pais nos lembram disso, nossos irmãos e irmãs nos lembram disso, nossas humilhações e sonhos nos fazem desejar isso para nós e para muitos e muitas.

É uma *história de salvação* brasileira, que tem que ser resgatada porque foi, e continua sendo, palavra de Deus. Por ela, chegamos também à história dos outros, à história dos grupos oprimidos e discriminados em Israel, à história de Jesus e nos reconhecemos nelas como num espelho. É por isso que falamos, talvez escandalizando alguns, que a Bíblia é a terceira palavra de Deus: ela vem após a primeira palavra, que é presença de Deus em nossa vida, e a segunda palavra, que é a presença de Deus em nossa comunidade de fé e na história dessa comunidade. Sob pena de, em lugar de ser espelho, a Bíblia tornar-se cenário artificial: ao sair do teatro, o mundo é outro e esta palavra é vazia, quando não violenta.

Convidamos, pois a mudar de lugar e tomar partido. É o caminho da solidariedade, condição necessária de leitura, interpretação e transformação da Bíblia (e da vida de todos nós). Solidariedade que se apóia na partilha da dor, na partilha da identidade e dos caminhos, na partilha da fé. Pois, solidariedade não é sinônimo de compromisso em algumas lutas ou em alguns momentos, mas de vivência de comunhão. Solidariedade é o caminhar juntos, carregando o peso dos outros, partilhando das dores e também das festas, da visão do mundo, inclusive da leitura de fé de outra comunidade de fé. Quem a vive, não idealiza o outro, mas carrega também seus limites, compreende seu pecado, pois a queda do outro é vivida como a própria queda.

Solidariedade não é, então, uma atitude guerreiro-intervencionista, mas uma comunhão na afetividade e na dor, para sempre. É como gravidez: é carregar e ser carregado. Neste sentido, é também alimentar-se juntos, um(a) dando sua carne e seu sangue como alimento para o outro. Não foi por acaso que o Senhor falou em 'comer da sua carne e do seu sangue', em fazer-se alimento para a vida dos irmãos (cf. Jo 6,35-58). Por isso, é

comunhão de destino que sabe respeitar as identidades distintas. Assim como "qu em ama nasceu de Deus e conhece a Deus" (1Jo 4,7), só quem ama os mais pobres de um povo pode nascer de novo, com eles, pode conhecê-lo de dentro e entender a alteridade dos grupos oprimidos - em sua etnia, raça, sexo e religião - como manifestação de Deus.

É fundamental, pois, viver em comunidade esta 'solidariedade étnica' junto aos oprimidos e aos últimos da sociedade para fazer uma leitura étnico-racial da Bíblia: trata-se de "estar solidário com essas etnias na busca da sua identidade. (...) É sentir como experimentam Deus na sua condição de marginalizados e como, através de seus símbolos, cultos e manifestações religiosas, denunciam as injustiças e opressões existentes e anunciam a justiça de Deus".⁹

2. Algumas conseqüências...

Se a dor, a identidade e a história de fé do povo negro se tornam os lugares privilegiados a partir dos quais olhar, nos quais mergulhar, onde se alimentar e de onde lutar, eles são também os critérios que determinam algumas opções na hora de se encontrar com a Bíblia. Isto é, acabam obrigando-nos a repensar algumas questões de fundo.

2.1 O que trabalhar?

Antes de privilegiar alguns temas, há que desmascarar leituras dominantes e racistas nas Américas, isto é, uma maneira de ler pela qual - até sem perceber - acabamos recriando leituras que legitimam posições etnocêntricas (um povo e uma maneira de viver como o melhor), universal-exclusivistas (uma norma que se impõe a todos e que caracteriza como inferior/pior/pecador quem não a aceita), violentas (que justificam a manutenção das discriminações e da exclusão), divinizadas (ao afirmar que Deus está conosco e não com os outros), machistas (não só androcêntricas, mas também legitimadoras da submissão da mulher) e 'acadêmicas' (ligadas à racionalidade das explicações ou a métodos que excluem os que não podem estudar). Isso para não fazer o jogo dos novos senhores, feitores, juizes, poderosos e doutores, e não nos tornarmos como eles na hora de afirmar nossas verdades. E para contextualizar melhor o que afirmamos, um passo indispensável seria lembrar como esses textos foram interpretados e anunciados em nossa história: são palavras que resistem à mudança de significado e, antes de qualquer outro sentido, impõem as falas antigas...

Infelizmente, é mais fácil do que se pensa, pois o racismo vitima e cega a todos, uns pela dor da discriminação, outros pelo exercício do poder. Acontece de maneira implícita, na seleção de alguns temas, ou de modo subliminar ao não saber como trabalhar alguns textos. Faço um exemplo. Um amigo me dizia, tempo atrás, que achava muito violenta (e irrecuperável) a afirmação do Gênesis de que ao homem foi dado de dominar a terra e que isso provocou toda a destruição da natureza e a legitimação do poder. Mas conversando mais um pouco, e mudando de lugar, nos perguntamos: "o que quer dizer dominar a natureza num terreno ou escolher o nome numa família?". A resposta foi iluminadora, pois nos levava a refletir que dominar algo, é antes de tudo, conhecer e preservar: descobrir como a vida de uma planta (e seu sacrifício ao cortarmos as folhas para um chá) nos dá vida e como nossos cuidados - ao conhecer seus tempos, fragilidade e necessidades - lhe oferecem também vida, proteção e fecundidade. Da mesma maneira, dominar ou dar o nome, implica em direitos e responsabilidades. Quem dá o nome a uma criança marca a família de referência e sua

autoridade, mas também assume o dever de cuidar dessa criança, fazê-la crescer, transmitir ensinamentos, respeitar suas opções. Bem diferente da leitura que liga poder, dominar e nomear, ao branco ocidental.

É um exercício difícil que nem sempre dá bons resultados ou que pode cansar. Mas é necessário. Assim como é necessário denunciar a escolha de alguns temas como menos aptos para responder aos conflitos hoje vividos pela população negra. Em ocasião da Campanha da Fraternidade de 1988 sobre o negro, alguns têm trabalhado o tema da escravidão na Bíblia ou a presença do negro na Bíblia. Mas os problemas do negro hoje são discriminação e identidade, não escravidão e ausência. Não seria melhor trabalhar situações de discriminação, promovidas inclusive pelo povo de Israel (melhor, por sua elite), em nome do sangue, da pureza, da obediência à Lei, da pertença à descendência de Israel, da fidelidade a uma tradição religiosa, da distinção entre filhos de Abraão, prosélitos e pagãos? São argumentos bem parecidos com aqueles usados hoje para discriminar os não-brancos ou afirmar a superioridade de uma raça, povo ou região geográfica do país.

Por que insistir em temas que dificultam o encontro e a compreensão da fé das comunidades afro-brasileiras como o da superação dos sacrifícios - ligados a um sacerdócio estruturado de maneira completamente diferente daquele dos terreiros -, ou o da idolatria, desvinculada de uma séria reflexão sobre as forças divinizadas (os deuses) da morte e as forças que dão vida? Às vezes é só uma questão de linguagem, nem tanto de temas escolhidos. É verdade também que muitos estão percorrendo outros caminhos, com tudo, a tentação de ficar numa leitura mais cômoda, a do nosso lugar, atinge a todos e há que cuidar-se.

Por isso, a referência à história das comunidades (de fé) negras ou aos contextos históricos na Bíblia é fundamental para se prevenir e avaliar quando afirmações generalizadas acabam atingindo, mais uma vez, o povo negro e suas tradições de fé, porque pronunciadas a partir de outro lugar. De certo modo, trata-se de fazer da história e da vida das comunidades negras uma chave para a releitura da história dos humilhados de Israel, mais do que olhar para a história de Israel como modelo ou chave para a história do negro no Brasil e nas Américas.

Nesse sentido, é possível escolher temas mais próximos à história e aos conflitos vividos pelo povo negro hoje, mas também próximos à cultura e à fé do povo negro: leituras que evidenciam a relação com a natureza, com os antepassados, com a superação da discriminação, com o alimentar-se, com a família, com o corpo e a dança, com o poder partilhado, com a força da mulher, com o respeito pelos anciãos ou por diferentes manifestações de fé. Inclusive, é possível uma leitura menos racional e mais simbólica a partir dos elementos da natureza como água, fogo, terra, ar, plantas, cores, ou culturais como comida, festa, maneiras de contar a história, rituais, gestos e outras características da tradição oral e comunitária.

2.2 Qual seria um método de leitura negro?

Não tenho a presunção de apontar a metodologia para uma leitura negra da Bíblia. Assim como existem muitos caminhos de interpretação bíblica latino-americanos, acredito que existam muitos métodos de leitura negra da Bíblia, alguns mais populares, outros mais culturais, outros mais sócio-políticos; métodos diversos também por causa da diversidade na leitura e interpretação bíblica nas nossas igrejas: haverá também

leituras negras carismáticas, fundamentalistas, libertadoras, etc. Não é o lugar, nem sou a pessoa mais indicada para discutir isso. Aqui queria só trazer alguns itens que na caminhada de vários/as agentes de pastoral negros/as, entre as comunidades cristãs e pobres do Brasil, se mostraram como necessários. Podem e devem ser discutidos.

A leitura negra da Bíblia se mostra como:

- uma leitura comunitária. Se a experiência fundamental de resgate da identidade negra é a família ampla, a comunidade organizada, então o caminho melhor é o de uma leitura feita em comum e de uma produção feita em comum. A prática ocidental privilegia o texto escrito e produzido individualmente. Acredito que uma leitura negra possa oferecer produções comunitárias (mais do que coletivas) em que a experiência do grupo tenha mais peso do que o teólogo que assina o artigo, em que o destaque vai mais para a comunidade do que para uma pessoa, e também produções mais típicas da tradição oral: contos, cantos, danças, histórias simbólicas, poesias, dramatizações, celebrações, etc. Até na hora de ler ou proclamar trechos bíblicos poderia se dar mais destaque a um texto narrado, dramatizado ou cantado, do que a um texto escrito e lido.¹⁰
- uma leitura feita a partir da própria história. À medida em que se relê e se resgata a própria história - história de dor e solidariedades, de presença e revelação de Deus -, é possível se abrir a outras histórias que aos poucos se tornam também próprias. Conhecer a história das pessoas e de uma comunidade é o passo melhor para entender o que ela está celebrando e o que está por trás do que está sendo anunciado ou vivido. É uma experiência que muitos de nós têm feito nas comunidades cristãs e também no encontro com comunidades-terreiro. Desse modo, também conhecer histórias contadas na Bíblia abre a possibilidade de que se tornem próprias, mesmo que diferentes ou pertencentes a um povo que celebrava Deus de outro jeito.
- uma leitura feita com outro olhar e a partir das próprias raízes culturais, comunitárias e de fé. É nesse momento que se percebe que, mais do que temas, é outra maneira de se aproximar, de ler, de perguntar, de viver, de se relacionar com a fé das comunidades bíblicas. A leitura negra não vai poder evitar a referência contínua à palavra dos antepassados, revivida como comunhão no tempo e vocação; à tradição oral como momento de memória e de educação comunitária e simbólica; ao resgate da relação com a natureza, manifestação de Deus que vive, que cria continuamente e tem poder de vida e morte; à mãe que mantém a identidade e a diferença da vida no ventre, que torna-se alimento, ou à vida que nasce do ventre, que passa pela dor, que precisa de cuidados; à partilha dos dons e das oferendas, à vida que se troca, ao alimentar-se uns aos outros, ao sacrifício como doação; e também à festa que celebra a vida reafirmada no meio de tanta dor, o canto e a dança que acompanham nascimento e morte, paz e guerra, seca e abundância, doença e cura, amor e solidão.

O teólogo anglicano John Mbiti, do Quênia, tem afirmado, entre outros teólogos e biblistas africanos, que na África a Bíblia é um *livro vivido* pela comunidade e *vivo* através da comunidade e para a comunidade, cujo fundamento e objetivo é Deus: "A África vive na Bíblia e a Bíblia é viva na África".¹¹ Essa experiência é também a dos cristãos negros nas Américas. Para ser mais corretos, deveríamos dizer que o é já, mas ainda não. Estamos a caminho para que se torne sempre mais experiência de comunhão na dor, nos afetos, no tempo, com tudo o que vive, e comunhão também de fé, para que a Bíblia deixe de ser palavra violenta para os outros e seja água viva para muitos e muitas.

Quero também trazer aqui algumas afirmações de Sílvia Regina, anotadas no Seminário de setembro de 1993, que acho mais iluminadoras daquilo que eu acabei gaguejando: "quero ligar mulher, negritude, Igreja e sociedade, e ler a Bíblia a partir dos meus irmãos e minhas irmãs". "Não se trata de trabalhar textos avulsos, mas de um jeito de ler toda a Bíblia: não podemos reduzir o negro a pedacinhos de Bíblia. Entrar na história do povo negro não é trabalhar um tema a mais: é Aliança, um pacto, uma experiência religiosa". "Quem é capaz de suar conosco quando celebramos, é capaz de se aproximar da experiência de Deus que fazemos; quem sofre conosco a dor da discriminação, é capaz de entender o nosso pranto e o nosso grito". "Conhecer tem a ver com intimidade, o que falta aos investigadores e leitores de livro. Conhecer é saber que não conhecemos, é saber estar diante do mistério, é silenciar".

E também: "algumas pessoas são chamadas a aprofundar-se no conhecimento: isso significa partilhar de tudo, da vida, do destino, das dores e risos do nosso povo; para muitos de nós, negros e negras, isso é voltar para casa, é re-adquirir a herança, é re-fazer-se, re-constituir-se: guardamos a saudade de uma experiência de Deus diferente". "A vida do povo negro é terra santa... há que tirar as sandálias!". "Possivelmente, o grande mistério vivido pelo povo negro, o segredo de sua hermenêutica bíblica, foi ter descoberto que esta mesma Bíblia não é a palavra de Deus, mas «uma» Palavra de Deus; este mesmo Deus nos dirigiu outra Palavra, nos falou e nos fala pelos Orixás, pela tradição de nossos Antepassados"; "negar meus antepassados é trair-me; negar a Bíblia é trair-me: são minhas heranças".¹²

2.3 Haverá chances para uma leitura negra da Bíblia?

Não é uma pergunta retórica ou falsa. Com efeito, as condições de possibilidade de uma leitura negra libertadora, ecumênica, transformadora, não residem só na boa vontade dos cristãos e dos biblistas negros, assim como uma leitura feminista não depende só das mulheres. É parecido com o que acontece em alguns casos com os sem-terra: a posse de um pedaço de terra nem sempre corresponde a uma mudança das relações ou à manutenção das solidariedades anteriores; às vezes, quem lutou comunitariamente torna-se pequeno proprietário. Ou também, a vitória de um grupo não corresponde à reforma agrária.

Estamos querendo afirmar que, além do engajamento de todos (não só negros) para desmascarar leituras ideológicas e racistas, além do esforço dos que se dedicam a uma leitura negra para mudar de lugar, mudar sua prática, abandonar seu poder - antes mesmo de mudar a maneira de ler a Bíblia -, as condições de possibilidades dependem de uma mudança das práticas e da teologia das Igrejas.

Com efeito, uma leitura negra da Bíblia está vinculada também ao repensar nossos modelos de Igreja e o que significa inculturação; não só nas liturgias, mas principalmente nas maneiras de se encontrar e ajudar, se organizar, lembrar a própria história, se expressar, decidir, se relacionar com outras comunidades, etc.; está ligada à maneira como consideramos teologicamente as outras religiões: daí repensar os limites de nosso ecumenismo e também o que significa que Jesus Cristo é para todos, é o único mediador, é o Senhor dos espíritos, é o único Salvador; está ligada também à maneira como pensamos a sociedade: o mesmo modelo para todos ou reconhecadora das diferenças étnicas, culturais, religiosas, das diferentes formas de se organizar, de produzir, de se dizer brasileiro?

Enquanto nossas Igrejas continuarem se declarando superiores e tiverem práticas excludentes, não haverá espaço suficiente para uma vivência cristã e uma leitura negra da Bíblia.

Notas:

- 1 . Apud Thomas SKIDMORE, Preto no Branco, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p. 81-83 (grifos meus).
- 2 . Gilberto FREYRE, Sobrados e Mucambos, t. II, (1936), 6ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1981, p. 650.
- 3 . Na África é comum falar nessa comunhão ampla com todos os seres vivos: comunhão vertical, com os antepassados, e horizontal, com a família, as pessoas em geral e a natureza. Cf. Vincent MULAGO, Elements fondamentaux de la religion africaine. In: CERA, Religions africaines et christianisme. Colloque International de Kinshasa, 9-14 janvier 1978, Kinshasa/Limete (Zaire), 1979, p. 43-63; em português: Gabriel Molehe SETILOANE, Teologia africana. Uma introdução, São Bernardo do Campo, EDITEO, 1992, p. 23-36; André LUKAMBA, Nova etapa missionária em África. Redescobrir para repropor, São Paulo, Loyola, 1992, p. 45-67. Veja também: Franziska C. REHBEIN, Candomblé e salvação. A salvação na religião nagô à luz da teologia cristã, São Paulo, Loyola, 1985, p. 40-53.
- 4 . Cf. Mães de desaparecidos. In: Sem Fronteiras, nº 185, dez. 1990, p. 25s.
- 5 . Cf. Indenização para ex-presos políticos. In: Sem Fronteiras, nº 203, out. 1992, p. 31. Após a ditadura, os familiares dos desaparecidos continuavam registrando seus filhos no censo argentino. "Mesmo que não estejam conosco, não os consideraremos nunca mortos. Por isso os registramos como pertencentes às nossas famílias" declarou Hebe de Bonafini, presidente das Mães da Praça de Maio (Continuam vivos. In: Sem Fronteiras, nº 196, jan-fev. 1992, p. 35). Cf. também Mary E. HUNT, Mortos mas ainda desaparecidos. As mães da Praça de Maio transformam a Argentina. In: Concilium 247, 1993/3, p. 96-105.
- 6 . Cf. Tarcísio PRAND, Viúvas vão à luta. In: Sem Fronteiras, nº 197, março 1992, p. 14. Na ocasião, declararam à imprensa também sua decepção por "ver as onças perto do Papa e nós longe - segundo denunciou Ardenora Mendes da Silva -. Lá estava o che-fão da UDR de Bacabal e outros companheiros... E nós, tocadas para longe pela segurança" (ibid.).
- 7 . Ibid., p. 13.
- 8 . Kátia MEDEIROS e Elza Maria GHELLER, As mães de Acari, datilografado distribuído pelo "Projeto Sofia: Mulher, Teologia e Cidadania" do Instituto de Estudos da Religião (ISER), Rio de Janeiro, abr. 1993, p. 5.
- 9 . Maria C. de FREITAS, Profetismo na Nova Evangelização. In: AA. VV., Dimensão Profética da Vida Religiosa na Nova Evangelização, Rio de Janeiro, CRB, 1990, p. 64s.
- 10 . Além de ser experiência e constatação de muitas comunidades cristãs, essa é também uma das observações do teólogo queniano John MBITI: "À Bíblia dever-se-ia conceder a liberdade de circular oralmente, assim como aconteceu nos estágios iniciais do seu desenvolvimento. A Igreja deveria facilitar e aproveitar a tradição oral nessas maneiras: incentivando a leitura pública da Bíblia, insistindo mais em narrar os fatos bíblicos, facilitando a memorização de trechos e versículos, utilizando mais textos bíblicos e cânticos e hinos neles inspirados, dramatizando sagradas representações de inspiração bíblica e,

naturalmente, aprofundando em nível científico a confrontação entre a tradição oral na Bíblia e a literatura oral africana" (cf. La Bibbia nella cultura africana. In: Rosino GIBELLINI (ed.), Percorsi di teologia africana, Brescia, Queriniana, 1994, p. 47).

- 11 . La Bibbia nella cultura africana, p. 60.
- 12 . Algumas dessas frases estão no texto que citamos anteriormente; outras fazem parte de minhas anotações na hora da exposição.

-
- **Heitor Frisotti**, Cx. P. 2521 / 40022-970 Salvador, BA (Brasil) / fone/fax: 55-71 393.34.73, Correio-e: comboni@zumbi.ongba.org.br
 - **Publicado em:** *Mosaicos da Bíblia*, Koinonia, 17(jan.-mar. 1995)11-22, São Paulo.
 - **Presentado en:** el CURSO INTENSIVO BÍBLICO DEL CEBI, Semana: Bíblia e Negritude, Salvador, Bahia, Brasil, 29.08-02.09.1994

[\[Inicio de página\]](#) [\[RELaT\]](#) [\[Página de la UCA\]](#)